

NA CADEIA



Grupo de traficantes foi capturado na manhã de sexta-feira, dia 18

Chefe do tráfico é preso em triplex de Santa Cruz

Operação da Polícia Civil, iniciada após tentativa de assassinato registrada em Vera Cruz, desmantelou grupo que movimentava mais de R\$ 200 mil por semana

LUCAS BATISTA*
materia@jornalarauto.com.br

Era de um luxuoso triplex de Santa Cruz que o jovem preso na manhã da última sexta-feira, durante a Operação Cúpula, comandava o tráfico na região. A moradia fica no bairro Várzea, local onde o homem, de 30 anos, foi encontrado. Conforme a investigação, iniciada na Polícia Civil de Vera Cruz há cerca de seis meses, após uma tentativa de homicídio, ele tinha forte ligação com Chapolin, nome conhecido do crime em Santa Cruz e por ser ligado à facção "Os Manos". Chapolin está preso no Rio Grande do Norte, no nordeste do Brasil.

Os dois se conheceram dentro do Presídio Regional

de Santa Cruz, quando estavam presos por crimes patrimoniais. Dentro da cadeia, dividiram cela e ficaram amigos. O jovem santa-cruzense que também era jogador de futebol de times de várzea do Vale do Rio Pardo, viu no tráfico uma possibilidade de aumentar seus ganhos. Segundo o delegado regional Luciano Menezes, o principal preso de sexta - foram mais 11 pessoas presas - tem histórico policial desde a adolescência. Era menor infrator e, depois, por um período, usou tornozeleira eletrônica.

O QUE ELE FAZIA?

O jovem era o operador financeiro, tendo conhecimento de todas as ações efetuadas pelo grupo de traficantes. Segundo Menezes,

"um sujeito na hierarquia no tráfico de suma importância". O homem permaneceu por sete anos no regime fechado e é amigo pessoal de Chapolin. Por essa circunstância de amizade e pelos anos que têm de prática criminosa, assumiu o posto para o Chapolin. "No mês passado, por exemplo, foi alvo de investigação do Denarc e teve carros apreendidos. Além disso, ele tem estabelecimento de fachada para utilizar no tráfico", disse, referindo-se a uma distribuidora de bebidas de Santa Cruz.

De um ano e meio para cá, o santa-cruzense era quem chefiava o tráfico e movimentava de R\$ 200 a R\$ 250 mil por semana apenas no bairro Bom Jesus.

Operação Cúpula foi originada em Vera Cruz, após tentativa de homicídio

A Operação Cúpula foi deflagrada na manhã de sexta-feira, dia 18. Mandados de busca, apreensão e prisão foram cumpridos em Vera Cruz e Santa Cruz, municípios onde os criminosos residem, embora o raio de atuação atinja outras cidades. No total, foram 12 presos. Havia ainda

mandado de prisão para mais seis. No entanto, durante a investigação, descobriu-se que essas pessoas já se encontravam presas, como é o caso de Chapolin.

Toda a caçada ao bando começou em Vera Cruz e foi coordenada pelo delegado Paulo César Schirrmann. A

tentativa de homicídio a Everton Almeida da Cruz deu origem aos trabalhos. Na época, os autores do crime usaram uma pistola calibre 45. Essa arma pode ter sido encontrada durante uma operação realizada em Santa Cruz, que apreendeu também outras armas, drogas, celulares e

ComTexto

Marli Silveira | marli19silveira@gmail.com

Compaixão

O ser humano existe e chega ser o que é no limite insuperável de sua finitude (NUNES, 1992, 121), e o aspecto mais radical da nossa finitude repousa sobre o fato de sermos seres para a morte. Estar aberto para esta possibilidade, a mais genuína e originária, é que torna possível ao ser humano compreender seu próprio ser. E na constante antecipação da morte que somos retirados da nossa esquivança protetora da medianidade cotidiana e aberto para a relação com o ser que estamos concernidos.

Werner Marx (MARX, 1992) explicita a ligação entre finitude e compaixão. A morte como o lugar mesmo da compaixão, pois, para este, quanto mais distanciada uma pessoa permanece da compreensão da sua mortalidade, mais ela ignora a consciência da mortalidade de outros, e, portanto, menor o grau de compaixão. Marx não quer dizer que um ser humano aberto imprópriamente não seja um ser mortal. A morte é um aspecto essencial da condição humana. A experiência da mortalidade também não conduz o ser humano necessariamente a ter e ou ser um indivíduo com/de compaixão. O que ele sugere é que assim como a mortalidade é uma essencial determinação do ser humano, a compaixão é o que conduz a apropriar-se responsabilmente do fato da mortalidade.

A mortalidade é uma experiência individual, que leva ao reconhecimento do si mesmo e a se ser responsável pelo próprio ser. Não que a mortalidade e a compaixão sejam reconhecidas como faculdades internas, derivadas de um sistema racional de princípios, ou respondam por um ethos fundado na tradição. A noção de disposição (Gestimmtheit) deve ser tomada em uma dimensão que determina não apenas a perspectiva de um ser humano em relação a si mesmo e aos outros, mas sirva para mensurar atitudes e padrões intersubjetivos.

Mostrar a possibilidade de uma espécie de experiência, a compaixão, que possa mudar a nossa maneira de olhar a nós mesmos e os outros (MARX, 1992, 14). O outro aberto pela finitude é o outro pelo qual se tem compaixão. É reconhecido com um outro com o qual se estabelece um vínculo de solidariedade, não como uma cópia, mas um outro com seus próprios problemas e concernimentos. A morte, tomada na sua abertura originária, permite que se compreenda o genuíno sentido da vida e da comunidade dos que são no modo da condição humana. Reconhecer a mortalidade e a relação responsável para com o outro, pode representar a "salvação" da indiferença da cotidianidade mediana e de uma mortalidade confrontada sozinha. Através da mortalidade, cada um pode descobrir-se como capaz de ter compaixão e ela servir como padrão de concernimento e solicitude mútua. Os que se abrem originariamente na compaixão e descobrem seu modo de ser como modo de ser que tem compaixão, desvelam-se como hábeis, capazes de compreender o sofrimento do outro.

A intensidade de compaixão é proporcional ao reconhecimento do outro como outro; outro que reclama cuidados e também pode compreender-se como ser responsável pelo modo de ser no mundo. O mundo passa de indiferente para mundo como lugar de coexistência. E é somente por este caminho que o mundo pode se transformar em comunidade de seres humanos responsáveis uns pelos outros e sempre desejado como lugar de conforto e cuidados recíprocos.

* Colaboraram
Luiza Adorna e Milena
Bender, do Portal Arauto.